

Edwaldo Costa
Suélen Keiko Hara Takahama
(Organizadores)

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

2



Edwaldo Costa
Suélen Keiko Hara Takahama
(Organizadores)

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

2



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A produção do conhecimento nas ciências da comunicação 2

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Edwaldo Costa
Suélen Keiko Hara

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P964 A produção do conhecimento nas ciências da comunicação
2 / Organizadores Edwaldo Costa, Suélen Keiko Hara.
- Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0055-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.554221103>

1. Comunicação. I. Costa, Edwaldo (Organizador). II.
Hara, Suélen Keiko (Organizadora). III. Título.

CDD 302.2

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Este e-book lança um olhar para a Ciências da Comunicação, mais especificamente sobre a produção do conhecimento. O segundo volume da obra “A produção do conhecimento nas ciências da comunicação” explora questões epistemológicas e metodológicas acerca da pesquisa de comunicação com base nas propostas de convergência e de sobreposição de temas e metodologias que se fazem notar de forma crescente na literatura atual, tanto por parte de pesquisadores da comunicação como das ciências sociais e humanas.

A obra é composta por 15 artigos que visam compreender os contornos que as Ciências da Comunicação e seus componentes estabelecem entre si e com outras tessituras sociais. Trata-se, portanto, de uma necessária atitude crítica diante do campo em toda a sua complexidade, para mirar suas reconfigurações, seus atravessamentos e os sentidos que os fatos comunicacionais e outros produzem na contemporaneidade.

Os autores abordam a comunicação estratégica, o jornalismo cultural, a ciência da informação, a reverberação midiática, o conceito de equilíbrio de baixo nível, a propagação de informações, os projetos Green Belt, a gestão de comunicação em tempos da Covid-19, a comunicação pública, o conceito Amazônia pela cultura letrada regional, o estudo do caso “Fabiane - a bruxa do Guarujá”, a história da comunicação, editoria política, telejornalismo e um estudo de caso dos portais de notícias Metrôpoles e R7. Do ponto de vista do campo de pesquisa, os assuntos abordam uma configuração transdisciplinar.

Um dos objetivos deste e-book, volume 2, é continuar propondo análises e discussões a partir de diferentes pontos de vista: científico, comunicacional, social. Como toda obra coletiva, esta também precisa ser lida tendo-se em consideração a diversidade e a riqueza específica de cada contribuição.

Por fim, espera-se que com a composição diversa de autores e autoras, temas, questões, problemas, pontos de vista, perspectivas e olhares, este e-book ofereça uma contribuição plural e significativa.

Edwaldo Costa
Suélen Keiko Hara

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO: NARRATIVAS E TEMPORALIDADES

Geraldo Pieroni

Aline Cristina Pires


Augusto Puga

Débora Rosenente

Fábio Ricardo Gioppo

Gisele Filippetto


Júlio Rigoni Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5542211031>

CAPÍTULO 2..... 22

A COMUNICAÇÃO EXTERNA E A COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA NA GESTÃO DA IDENTIDADE ORGANIZACIONAL

Layana do Amaral Rios


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5542211032>

CAPÍTULO 3..... 34

ASPECTOS GERAIS DA TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA EM BIOTECNOLOGIA NO BRASIL: UMA ABORDAGEM DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Francisco Carlos Paletta

Thiago Negrão Chuba

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5542211033>


CAPÍTULO 4..... 57

SER CURTIDO E APROVADO OU DESCURTIDO E APAGADO? UM ESTUDO DE CASO DOS PORTAIS DE NOTÍCIAS ON-LINE METRÓPOLES E R7

Iasmim Santos

Andréa Souza

Daniela Ribeiro


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5542211034>

CAPÍTULO 5..... 72

A ATUAÇÃO DO PORTAL DE NOTÍCIAS 'A CIDADE ON' NO ÂMBITO DO JORNALISMO CULTURAL EM CAMPINAS

Letícia Cristina Sobrinho

Maria Lucia De Paiva Jacobini


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5542211035>

CAPÍTULO 6..... 83

CONSULTÓRIO NO AR: COMO A AUDIÊNCIA SE APROPRIA DOS CONTEÚDOS DOS PROGRAMAS DE SAÚDE NO RÁDIO

Elane Gomes Santos Coutinho


Valdinei Trombini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5542211036>

CAPÍTULO 7..... 94

FATORES DE COMUNICAÇÃO QUE CONTRIBUÍRAM PARA O SUCESSO DE PROJETOS
GREEN BELT

Juliana Regina Galvão Reis

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5542211037>

CAPÍTULO 8..... 108

GESTÃO DE COMUNICAÇÃO EM TEMPOS DE COVID-19: O CASO DE ESTUDO DE
UMA EMPRESA MOÇAMBICANA

Catarina Winnie Santos Garrido

Felipe Miranda de Souza Almeida


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5542211038>

CAPÍTULO 9..... 129

COMUNICAÇÃO PÚBLICA E DESINFORMAÇÃO EM SAÚDE: ANÁLISE DAS
ESTRATÉGIAS COMUNICACIONAIS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE NA COBERTURA
DA CAMPANHA NACIONAL DE VACINAÇÃO CONTRA A POLIOMIELITE E CONTRA O
SARAMPO DE 2018

Johnny Ribas da Motta

Nelia Rodrigues Del Bianco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5542211039>

CAPÍTULO 10..... 158

NOTAS SOBRE A INCORPORAÇÃO DO CONCEITO AMAZÔNIA PELA CULTURA
LETRADA REGIONAL

Luís Francisco Munaro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.55422110310>

CAPÍTULO 11..... 172

FOGUEIRAS INQUISITÓRIAS NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS: ESTUDO DO CASO
“FABIANE, A BRUXA DO GUARUJÁ”

Bárbara Carolina Rodrigues Marques

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.55422110311>

CAPÍTULO 12..... 183

EQUILÍBRIO DE BAIXO NÍVEL: UM PANORAMA BIBLIOMÉTRICO DAS PUBLICAÇÕES
DE MAIOR FATOR DE IMPACTO




Cícero Pereira Leal

Rogério Galvão de Carvalho

José Antônio Rodrigues do Nascimento

Kleydson Jurandir Gonçalves Feio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.55422110312>

CAPÍTULO 13	197
A EFETIVAÇÃO DO IGNORANCIALISMO POR MEIO DA REVERBERAÇÃO MUDIÁTICA	
Álvaro Nunes Lorangeira	
Tarcis Prado Júnior	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.55422110313	
CAPÍTULO 14	210
POR TRÁS DA EDITORIA POLÍTICA DO JORNAL O ALTO URUGUAI (DE 1995 A 2005)	
O QUE FOI NOTÍCIA NOS 11 ANOS DE MUTISMO POLÍTICO	
Lana D'Ávila Campanella	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.55422110314	
CAPÍTULO 15	238
A HISTÓRIA E OS DESAFIOS DO TELEJORNALISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA	
Edwaldo Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.55422110315	
SOBRE OS ORGANIZADORES	252
ÍNDICE REMISSIVO	253

A HISTÓRIA E OS DESAFIOS DO TELEJORNALISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Data de aceite: 01/02/2022

Edwaldo Costa

Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da UnB
<http://lattes.cnpq.br/3950553227038648>
<https://orcid.org/0000-0002-3416-3815>

RESUMO: O presente estudo tem em seu bojo estudar qual fora o impacto e os desafios interpostos pela pandemia à produção telejornalística. De fato, essas produções precisaram dar destaques e continuar os seus ofícios, todavia, surpreendidos com mudanças bem significativas as quais perpassaram as produções e reuniões de pauta até as entrevistas. É válido conceber que o telejornalismo já vinha passando por uma rotina produtiva com a inserção das ferramentas disponibilizadas por uma rede móvel e internet e todos os adventos da web. Já havia uma tônica de proporcionar ao telespectador a competência de protagonizar notícias e essas demandas foram realçadas com o advento da pandemia da COVID-19. As programações precisaram ser alteradas, as imagens encaminhadas por telespectadores foram aproveitadas por âncoras, assim como fontes e todo um processo de autoria fora revisto. Para se contemplar essas modificações, por certo, é necessário entender como o telejornalismo surge e se modifica ao longo da história, destarte, poder-se-á entender como antes da pandemia esse ciclo de produção era explorado e como que ele se adapta conforme as

necessidades dos tempos atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo. História. Atualidade. Pandemia.

THE HISTORY AND CHALLENGES OF TELEJOURNALISM IN PANDEMIC TIMES

ABSTRACT: The present study aims to study the impact and challenges posed by the pandemic to telejournalistic production. In fact, these productions needed to highlight and continue their work, however, surprised by very significant changes which permeated the productions and agenda meetings until the interviews. It is valid to conceive that telejournalism was already going through a productive routine with the insertion of tools made available by a mobile network and internet and all the advents of the web. There was already an emphasis on providing the viewer with the competence to star in the news and these demands were highlighted with the advent of the COVID-19 pandemic. The schedules had to be changed, the images sent by viewers were used by anchors, as well as sources and an entire authorship process had been revised. To contemplate these changes, it is certainly necessary to understand how telejournalism arises and changes throughout history, thus, it will be possible to understand how before the pandemic this production cycle was explored and how it adapts according to the needs of current times.

KEYWORDS: Television journalism. History. Present. Pandemic.

1 | INTRODUÇÃO

Para compreender o cenário das mudanças que impactam o telejornalismo na pandemia da Covid-19, entende-se que é preciso levantar um viés histórico e entender como o telejornal vinha sendo produzido para informar à sociedade ao longo das décadas.

É importante compreender também que, ao longo da pandemia da Covid-19, o telejornalismo sofreu os impactos restritivos e de mudança de mercado, contudo precisou manter a sua finalidade: informar. E para isso, ele contou com mais protagonismo dos telespectadores, sendo palco da construção de uma notícia cada vez mais interativa.

A cobertura da pandemia teve impacto em suas rotinas de produção e com recursos que estão relacionados aos próprios aportes de trabalho, como quem segura o microfone, os vídeos amadores e uma construção da notícia sem linearidade, além das chamadas de vídeo como um meio de práticas as entrevistas. Outro viés da enunciação é a inserção de um vocabulário intrínseco à área médica que começou a ser utilizado como: imunizados, máscaras, intubação, medicações, UTI, vacina e margem de óbitos e curados.

O telejornalismo, ao longo de um ano de pandemia, vai buscando os espaços sociais como processo de produção e que cria uma perspectiva de contato com a notícias, mais intimista. A Covid-19 norteou de distintas formas a rotina de trabalho de imprensa até pela necessidade de uma informação diária que cobrisse o momento pelo qual o país estivesse passando em comparação com demais localidades do mundo.

Justifica-se o estudo pela importância de se compreender como que o telejornalismo já contava como recursos de produção os modelos tecnológicos mais atuais e precisaram realçar a utilização dessas ferramentas com o advento da pandemia. Logo, a proporção das medidas de prevenção foi também adotada no jornalismo, onde muitos jornalistas passaram a trabalhar em ambiente remoto e só retornaram a estúdio pós-vacina; muitos jornalistas contaram com a utilização de equipamentos de proteção específica, como a necessidade de se utilizar a máscara a qual por certo muda as nuances das ondas de transmissão e ainda a redação e as formas de produção também mudaram.

O problema da pesquisa incide sobre a seguinte pergunta: Quais foram os impactos da pandemia na produção do telejornalismo e como a uso da tecnologia ajudou na produção?

O objetivo geral do estudo é compreender as alternâncias na produção, nas reuniões de pauta e transmissão. Os objetivos específicos consistem em: estudar a história do telejornalismo e como ele transcorria antes da pandemia; compreender como as ferramentas tecnológicas agregam recursos ao telejornalismo; e observar quais são as principais mudanças do telejornalismo na pandemia.

Procurou-se observar como as empresas de comunicação estão se adaptando para continuar produzindo informação, combater as *fake news*, lidar com protocolos, principalmente com a saúde de seus colaboradores, e com os impactos da crise sanitária

no fazer jornalístico relacionados aos procedimentos de coleta de informações e produção de reportagens.

2 | ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS RELATIVOS AO TELEJORNALISMO

Tentar compreender as nuances do telejornalismo é busca abarcar o presente e o momento da pandemia assim como que as ferramentas que evoluíram com o telejornalismo puderam ser aproveitadas no momento da crise da Covid-19.

A história do telejornalismo tem as suas periodicidades, tanto nos aspectos da enunciação e como a notícia é produzida, como na exploração dos recursos técnicos os quais são utilizados. Kneipp (2008) destaca o primeiro jornal televisivo da Globo o qual vai ao ar em 1969. Já na Rede Tupi, o primeiro telejornal começa em 1950. Ainda sob o jugo da censura, esse telejornal tenta de todas as formas lidar com a ditadura e nas suas intervenções de escolhas profissionais. No período da redemocratização, especificamente em 80, o investimento é em bons redatores para, inclusive, haver uma boa cobertura do processo de reabertura política do país. Nos anos 90, o telejornal começa a ser segmentado pela interface do tempo. O jornal 24 horas é aquele que aparece nesse período mostrando etapas massivamente constitutivas de plantões de notícias divididas em blocos. Quando se inicia o novo milênio, as configurações mudam para uma constituição estruturada nos adventos tecnológicos e em uma escalada não linear da notícia.

Kneipp (2008, p. 21) fala o quanto o telejornalismo tornou-se híbrida ao logo dessas décadas. A hibridização é um termo que se tem usado bastante em época pandêmica para denotar um mesmo veículo que se utiliza de um mesmo objeto por tempos distintos: presencial e online.

Backes (2018, p. 47) fala a respeito da inauguração do telejornalismo na televisão brasileira:

Desde a estreia da televisão no Brasil, em 1950, os telejornais fazem parte da grade de programação da maioria das emissoras de canal aberto, e, atualmente, já existem canais fechados totalmente direcionados à veiculação de notícias. Mas, quando esses programas informativos começaram a ser exibidos, os profissionais sabiam muito pouco sobre a produção de notícias para a televisão, visto que seu conhecimento advinha da ampla experiência com o jornalismo radiofônico: locutores com vozes vibrantes simplesmente liam notícias, expondo sua imagem à frente das câmeras".

O que a autora menciona é a forma como o telejornalismo quando ele começa a ser incluído na grade das programações televisivas e pondera a respeito da herança do rádio e de seus programas, novelas que, de certa forma, são transpostos para a televisão e mudança a conjuntura produtiva. Aqui há um viés técnico e que precisa buscar qual é formatação do telejornal para a televisão.

Backes (2018) ressalta algumas peculiaridades do telejornalismo a essa época.

Primeiramente, ela reforça que a herança radiofônica é patente. Os âncoras dos telejornais apenas liam a notícia e a autora exemplifica com o Repórter Esso. A segunda característica é compreender que o telejornal não era a parte principal da programação de um canal ou emissora. Logo, ele entrava em espaços intermediados, entre programas televisivos que mobilizam mais a sociedade ao passo que hoje, canais de *streaming* são dedicados única e exclusivamente às notícias. Outra característica é a equalização entre a imagem para ilustrar a notícia que era lida o que, aos poucos, começa a ser a tônica do telejornal para alcançar a modalidade do telejornalismo de plantão.

Rezende (2010 apud BACKES, 20178) reflete a respeito da parte figurativa da notícia a qual não precisaria ser somente narrada ou lida uma vez que o contexto não seria somente mais o radiofônico. Tomar conhecimento da notícia e visualizá-la começava a se revelar como algo apreciado pelo telespectador que começa a inserir a relação do que era transmitido verbalmente para o que era visualizado por imagens para que o discurso e a enunciação da reportagem pudessem estar sempre no limiar da autenticidade. Contudo, o autor também pondera que as dificuldades técnicas para que essa imagem pudesse chegar ao telespectador e transformar uma notícia em um veículo mais espontâneo.

Na tentativa de se tornar um tipo de programação mais fiel à notícia que era transmitida, o telejornal avança pelo jugo e censura do governo militar e como que ele elencava os conteúdos que deveriam ou poderia ser transmitido. Com o jornal em cadeia nacional a partir do ano de 1969, as notícias tinham uma tônica, mas técnica, colorida, buscando investir em âncoras, repórteres, comentários e correspondentes internacionais que trouxesse sobriedade às notícias, critério do governo militar para a veiculação de notícias. Todos os noticiários passavam por censura prévia com um investimento em notícias nacionais em detrimento das locais.

Após a Constituição de 1988, a comunicação jornalística começa a ser autônoma ao elencar notícias pautando-se pela superação do momento de censura em plena manifestação da liberdade de pensamento. Com isso, percebe-se a evolução da competitividade entre as emissoras e como que os programas passam a ser roteirizados de forma mais educacional, artística e informativa (REZENDE, 2010).

Enquanto que os anos 80 representou a conquista da liberdade de pensamento e informação, os anos 90 começa com um diálogo com os correspondentes internacionais de forma mais acintosa e com a modernidade a qual começa a permitir que as TVs por assinatura lancem conteúdos informacionais específicos para assinantes de diversos gostos. As infraestruturas começam a ter mais investimento. A TV a cabo aparece como mais uma opção de distintos canais e, nesse cenário, a notícia é moldada para serem diluídas entre audiências e para dirimir as limitações dos canais abertos.

Backes, (2018, p. 52), a respeito dos canais fechados fala que:

A inserção dos canais informativos fechados no Brasil provocou alterações no telejornalismo praticado pela TV aberta com vistas a enfrentar a nova

concorrência: matérias mais longas, com esclarecimentos, serviços públicos, defesa do consumidor e densidade crítica”.

Logo, esse crescimento e repartição dos canais em fechados e abertos impactam o telejornalismo e preparam um ambiente que tem o seu ápice a partir de 2000 com o advento da globalização: o desenvolvimento tecnológico que culmina com a web TV e, hoje, com os serviços de streaming, muitos com acesso liberado outros com aplicativos e canais que podem disponibilizar o acesso por redes móveis. (KNEIPP, 2008).

A TV Digital, aquela que pode ser tanto vista na TV com também nos dispositivos móveis cria uma versatilidade na veiculação da notícia tal qual a linearidade da transmissão a qual é representada por uma produção televisual a qual avança em distintos conglomerados de notícias. É possível, por exemplo, um jornal contar com vários informantes que estão falando de distintas localidades simultaneamente o que globaliza a informação.

Kneipp (2008) no tocante à parte técnica e de produção de notícia apresenta uma periodicidade do telejornalismo, acrescentando e descrevendo as características de cada um deles.

O primeiro período descrito é a fase radiofônica a qual já supracitada denota ter maior herança dos programas que eram produzidos para o rádio. Como que a televisão a essa época era novidade, as câmeras utilizadas para filmar era as mesmas dos filmes, logo, havia ainda a produção com câmeras cinematográficas. As imagens eram em preto e branco, com baixa qualidade e ainda não se tinham as ferramentas técnicas para equalizar som e câmera. (KNEIPP, 2008).

Os primeiros profissionais a serem convocados para trabalhar na televisão foram os radialistas, visto que a tecnologia, até então, era muito parecida, pelo menos no que diz respeito ao sistema de radiofusão de som e imagens. As exigências para se trabalhar na televisão eram mínimas, pois ninguém sabia como fazer televisão naquele momento (KNEIPP, 2008, p. 98).

Com isso, observa-se ainda que a improvisação seria uma característica muito aderente aos primeiros telejornais. Logo, a transposição do telejornalismo da TV para a rádio aparenta ter uma reversibilidade simples dado o contexto de produção, porém era preciso convocar mais aparatos tecnológicos para que os radialistas pudessem se despojar do imprevisto o qual seria um elemento bem aceito no rádio.

Outro período demarcado é a fase cinematográfica, dos rolos de vídeos, os antigos negativos que utilizam o *cromaqui* e os jogos de luz e contraluz para profissionalizar a participação dos âncoras. A técnica tenta minimizar as hastes do imprevisto e incorpora a tecnologia do *teleprompter* que é o mecanismo da leitura por jogos espelhados, proporcionando ao apresentador um olhar mais profissional. (KNEIPP, 2008).

A terceira e última fase dessa periodização aponta para a ampliação dos computadores e mais recursos tecnológicos até as datas de hoje que norteiam com mais segurança as políticas de atuação do jornalista que caminha até a implantação da TV

digital. Nesse curto percurso compreende-se como a técnica oferece mais segurança para os âncoras e demais participantes do telejornalismo, que começa a apurar a notícia para depois transformá-la em informações mais estruturadas.

Por fim, para se dar início à técnica e rotina dessas produções telejornalísticas é imprescindível conceber como a internet modificou o contexto de produção de jornais e a inclusão de mais telespectadores à informação.

3 | TELEJORNALISMO: RETRATO PRÉ-PANDÊMICO

Para compreender quais foram os impactos da pandemia na rotina de produção do telejornalismo, é preciso traçar qual o cenário e como que ele era realizado antes do advento da pandemia. Primeiramente, pode-se afirmar que toda a parte de edição, reunião de pauta, entrevista eram arroladas à luz de um jornalismo não linear e com o contexto digital, das novas tecnologias e são esses pressupostos que serão elencados aqui. Viu-se que as novas tecnologias aprimoraram drasticamente as ferramentas para a produção telejornalística.

Crocomo (2001) fala que a edição não linear foi conveniente para a produção do jornalismo diário com os adventos tecnológicos. Os softwares de edição não linear nos tempos da digitalização transferem imagens de formas mais simples que os videotapes, os quais seriam classificados como um material muito bruto para ser editado nas ilhas de edição analógicas. Para o autor, os benefícios da digitalização são:

Não precisamos mais copiar em fita cada matéria a ser utilizada no telejornal. Não há mais perda de tempo. As matérias estão no disco rígido do computador. A única perda de tempo continua existindo para a digitalização das imagens. Melhorou a qualidade de imagem porque se elimina a cópias e as matérias passam a ser rodadas a partir do computador, diminuindo os riscos de vazar no ar sons de fita rebobinando no início, fim ou em qualquer ponto desejado (CROCOMO, 2001. p. 81).

A estação analógica passa, portanto, a ter um caráter não linear e, com isso, as saídas de áudio e vídeo a partir do computador passou a ser de fácil edição. Ficou fácil também para o âncora que está conectado às saídas da produção e consegue acompanhar toda a transmissão, com mais segurança nas intervenções as quais ele precisa ter, conforme os retornos que lhe são dados pela equipe. (CROCOMO, 2001).

Os equipamentos digitais, por conseguinte, são remanejados e permitem uma atualização tecnológica de forma que os apresentadores, âncoras e correspondentes possam participar de toda a lógica do curso da transmissão para a audiência. Outro fato importante é permitir que esse jornalista possa estar na redação, sem ter que dominar uma ilha de educação. Ele apenas precisa estar na sala de redação, para a reunião de pauta, com outros jornalistas, trocando informações de como lançar e desenvolver determinada pauta e editar de forma viável para ser incluída na programação.

Crocomo (2001) aponta, portanto, quais foram as modificações e um ambiente analógico para um digital. A edição seria uma mudança destacável porque migra-se dos acúmulos e fitas de videotape para softwares. E assim, a máquina prepara os filmes que precisariam ser editados. A digitalização do material é toda convergente para o computador e integrando às redações e aos profissionais que precisam ter acesso junto com o técnico. Ao longo desse processo tem-se uma adaptação, para a edição não linear.

Crocomo (2001, p. 92) relata como que a edição de um telejornal pode começar:

O telejornal começa e o diretor de imagens seleciona, através da mesa de corte, mas imagens que vão ao ar. A partir da mesa é possível escolher as câmeras de estúdio, de externa (para entradas ao vivo dos repórteres que estão na rua) e também para a exibição das reportagens.

É demonstrado no excerto como que o telejornalismo é editado e de onde que as matérias são exibidas. A âncora lê todas as matérias que foram selecionadas pelo editor e a matéria entra. Essa sequência é toda alinhada na redação e nos encontros entre os jornalistas responsáveis pela apresentação e pelas matérias que estariam encadeadas.

O investimento em placas maiores de softwares e demais equipamentos que garantam as gravações, assim com os offs que estão disponibilizados pelos narradores, são equipamentos que precisarão ser sempre aprimorados.

Outro por a ser destacado é a elaboração da pauta. Esta é a relação de assuntos, a discussão e os encaminhamentos que são lançados pelo repórter responsável pela matéria. Quando ele tem as suas reuniões para contemplar possíveis desdobramentos da sua pauta, ela pode acessar um grande banco de imagens na redação, assim como matérias e gravações que estejam em um servidor relacionadas com a pauta que ele deseja levantar. (BACKES, 2018).

Durante a reportagem, o meio digitalizado, prescinde dos repórteres pauteiros, os quais precisam estar à frente da condução da informação porque eles que a desenvolveram na reunião de pauta. Com esta, ele pode orientar os responsáveis de imagens para captar a essência do que pode ilustrar com mais objetividade a matéria. Em alguns momentos, esse pauteiro está em uma transmissão imediata, ou seja, aquela que não passará por edição para chegar ao jornalista âncora. Eles seriam responsáveis pela notícia direta, entradas ao vivo, coberturas sequenciais. (KNEIPP, 2008).

Cromoco (2001, p. 100) menciona a importância de a pauta ter as informações bem alinhadas com as imagens na linha de educação, priorizando um arrolamento correto de script para que o jornal possa ter um resultado positivo:

Continua sendo fundamental a correta elaboração dos scripts – com textos e informações técnicas necessárias para que o programa seja exibido. No caso das matérias especiais. O roteiro continua sendo fundamental. A garantia de uma boa decupagem – anotação exata das cenas desejadas – cada um com o respectivo timecode inicial e final – já é um bom início

A boa veiculação para uma audiência também depende da disponibilidade do público para se adequar a todas essas inovações. A linguagem, tônica das pautas são elementos que sensibilizam com mais facilidade e imediatismo os telespectadores. Estes serão parte da audiência caso as estruturas de determinada produção possam lhes impactar.

Os investimentos realizados para se manter um telejornal na TV digital contam com a apropriação da notícia pelos telespectadores, não somente com os que ficam de frente para a televisão. Telespectador hoje se configura pelos acessos que as plataformas têm através dos dispositivos móveis. Essa dinâmica de interação do telespectador com a notícia que é transmitida em tempo real é uma das características que mais dinamizam o telejornalismo atualmente.

Santos (2014) fala que é um jornalismo cidadão e que, por meio de tecnologias digitais acessíveis a todos, podem acionar setores da sociedade promovendo um jornalismo participativo. Dada essa produção para uma nova agenda de transmissão de telejornais, a audiência deixa o telespectadorismo e formula com mais inferências suas percepções da matéria que está sendo veiculada.

Essa modalidade de jornalismo que é proposto pela TV digital reconfigura as dinâmicas de interação com a audiências.

Hoje em dia o recurso da interatividade, na televisão terrestre aberta brasileira, só pode ser realizado através do uso de uma segunda tela, a qual possibilita a resposta por parte da audiência, ou restrito ao recebimento de informações enviadas pela emissora. Provavelmente, tais limitações sejam passageiras, já que uma das grandes apostas das grandes empresas de comunicação para reconquistar o público perdido para a internet é exatamente a ferramenta que possibilita a interação entre emissora e telespectadores (SANTOS, 2014, p. 113).

As ferramentas da TV digital, por certo, impactaram na participação direta do espectador que ganha uma amplitude no acesso ao telejornal porque passa a ser alcançado por várias plataformas. Ferraz (2009 apud SANTOS, 2014) fala que essa interatividade com base na interferência direta e quase simultânea constitui o empoderamento do público que tenta se apropriar dos seus espaços participativos.

Por esse prisma, o jornalismo televisivo pautado por uma era digital revela as personas participantes do outro lado da tela, representado por um público receptor pelas mensagens que são captadas, especificamente por uma população que consome mídia. (FERRAZ, 2009).

Antes dessa digitalização televisiva, o perfil do público seria para quem estava em casa: programas para a criança, para as donas de casa que não estavam no mercado de trabalho e, ainda, o telejornal que passava na hora que o marido chegaria em casa do trabalho. Hoje, há uma persona por detrás de muitas telas e que, muitas das vezes, recebe a notícia na hora em que ela é anunciada e se prepara para as coberturas que serão feitas nas plataformas digitais. Ou seja, pessoas instalam aplicativos, recebem notícias em *push*

e é como se tivessem previamente o roteiro do programa que irão assistir logo mais.

Logo, apesar de uma reformulação técnica que é promovida pela TV Digital, as redações jornalísticas passaram a criar e mediar as suas pautas conforme o acesso do público a determinada notícia, o que representa também a liberdade de escolha da população para saber mais a respeito de um assunto.

4 | A PANDEMIA E OS IMPACTOS NO TELEJORNALISMO DIGITAL

Com o cenário do telejornalismo traçado, tanto em uma abordagem história quanto técnica, compreende-se que houve uma certa ruptura na promoção das notícias. Dantes vistas, as redações deixaram de ser um ambiente isolado e os pauteiros não puderam se acomodar no rol de informações já presentes no banco digital de matérias.

Com o advento da pandemia, o impacto primeiro presume ter sido na articulação dos profissionais responsáveis pela pauta, articulação das entrevistas e maior interatividade com o público. Durante a quarentena de 2021, com todos precisando cumprir com regras de isolamento, os jornais começaram a delinear novos perfis de audiência. Logo, entende-se que a interatividade com certeza ampliou.

A lógica da digitalização, com todas as mudanças e vieses que motiva a aplicação da rotina de uma forma mais prática ela concepção técnica não fora o suficiente para que as reuniões de pauta, entrevistas e interatividade para que o conteúdo audiovisual pudesse transcorrer normalmente em período de pandemia.

Muitos jornalistas precisaram ficar em casa por conta da prevenção e poucos estavam presentes no estúdio. Os serviços interativos convergem por certo para uma apuração mais intensa, pautas mais dinâmicas e captação de fontes que pudessem trazer uma informação verídica para cobrir também a situação da saúde do país e de outras localidades.

Cajazeira e Souza (2020) falam que o foco, nesse período, fora a pandemia e os seus desdobramentos em todo o mundo. Todavia, os próprios profissionais precisaram migrar para home office e deslocando-se do estúdio para realizar as suas correspondências e análises. Como medida preventiva, esses profissionais também precisaram ficar reclusas o que já tem suas resultantes em toda a rotina desse profissional com o seu editor e com as demais tarefas de sua rotina. Outro destaque dado pelos autores é que muitos foram para a cobertura da linha de frente em várias localidades e precisaram estar equipados com máscaras e outros equipamentos de proteção, o que por certo teria interferência no uso do microfone. Ainda assim, todo o protocolo precisou ser seguido rigorosamente por equipes internas e externas.

Figaro et al (2020, p. 19 apud Cajazeira e Souza, 2020, p. 2) revelam que:

O contexto da pandemia da Covid-19 certamente acelerou a transição que alguns setores já ensaiavam de transmutar o local de trabalho da residência do trabalhador. A situação de emergência em prol da saúde coletiva passou a

justificar desse modo, a forma improvisada que muitos tivemos de assumir do trabalho em casa. O imprevisto é de toda ordem: equipamentos inadequados, faltas de softwares para edição, falta de apoio técnico, móvel e local não ergonômicos, lugar/ espaço/ ambiente inadequado, porque sobreposto à ambiência que pertence ao espaço privado da casa, do lar. O isolamento social também retira do trabalho algo fundamental que é a coletividade.

A perspectiva coloca no excerto acima pelos autores traça componentes os quais são superados pelos desenvolvimentos tecnológicos pelos quais passaram as redações. Desde as características ergonômicas: cadeiras apropriadas, câmeras à altura dos olhos e chamadas para entrar no ar – até a participação desse jornalista à edição e produção de pauta coletiva da matéria que ele propôs.

Apesar desse profissional transpor barreiras outrora conhecidas pelos jornalistas com a revolução digital, a domesticação do seu trabalho não trouxe a segurança inicial para ele continuar desenvolvendo de forma independente os seus programas. A equipe técnica presente para realizar matérias externas também não pôde continuar os *takes*, logs, muitos programas específicos ficaram suspensos.

Outro impacto bem evidente foram os meios de apuração para checar o desdobramento da pauta. Figaro et al (2020) falam que pautas que precisariam de algumas checagens/apurações nem sempre puderam ser efetivadas de casa. O jornalista, para realizar apurações mais específicas, precisaria realizá-las in loco e a necessidade do distanciamento não permitira essa ação.

O isolamento comprometeu a atuação desse profissional que precisaria trazer informações para se manter fiel a *um script*, a maioria se adaptou e ampliou a sua pauta com volumes de novas informações, automatizando a emissão das notícias. Esse trabalho não pôde ser interrompido porque as comunidades precisariam da transparência e atualizações das notícias em plena pandemia. Os jornalistas precisaram reorganizar o processo de apuração e levantamento de pautas e como essas informações seriam distribuídas dado o veículo informacional.

A função pública do telejornalismo durante a pandemia continuou exigindo aplicabilidade informacional devida como prestação de serviço social. A edição não-linear das notícias também dá a tônica de um telejornal que converge para uma mobilidade e que é o cenário representado para o público com a proposta do telejornalismo digital, de plataformas.

Como visto anteriormente, a tecnologia digital aparece para mudar a forma como os processos de se fazer a notícia são feitos, desde a captação de informações até a criação desse produto final para a emissão em uma plataforma digital ou canais abertos e fechados. Esses compromissos permaneceram inalterados com o advento da pandemia.

A pandemia, portanto, somente antecipou uma reconfiguração acima da linearidade.

As entrevistas, o agrupamento virtual de um conglomerado de jornalistas que estão em cidades diferentes, a ampliação do protagonismo do espectador e as notícias em tempo real, são esses produtos das novas mídias que já beiram a uma realidade virtual.

Acreditamos, assim, que o jornalista de tv terá que passar por um processo de reciclagem e de interação com novas mídias, aprendendo outras formas de apresentação do conteúdo, bem como outras maneiras de produzi-lo. As tarefas de buscar, selecionar, analisar e apresentar acontecimentos em forma de notícias imparcialmente continuará sendo missão do jornalista, contudo o perfil que se instaura confere a concentração de outras atividades, como pensar em ferramentas interativas para serem integradas à informação que está sendo veiculada (PEREIRA, 2010, p. 139).

Assim, esse futuro antecipado, diga-se, pretende continuar com a rotina do jornalista e da produção do telejornal de forma a preparar as próximas novidades que forma acionadas pela pandemia. O advento do 5G proporcionar outras formas de interação em estudo e com mais realidade virtual, para além da simultânea. Avanços esses que não significam que os telejornais precisam ancorar as suas rotinas de produção nas tecnologias que vão aparecendo porque a pandemia da Covid-19 mostrou que as medidas sanitárias intervêm em modelos já instituídos e classificados como avançados.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo discorreu sobre os impactos da pandemia da Covid-19 no exercício da profissão do jornalista e no telejornalismo.

O que se averiguou foi que a produção telejornalística vinha com um histórico de evolução técnica desde a época da redemocratização, o que se pôde constatar na abordagem história da sua produção.

Em seguida, a culminância técnica, com ferramentas que tiveram o seu ápice de aplicação após o ano 2000 com os recursos das mídias digitais e que muito impactaram na construção da notícia, desde as pautas até a emissão da notícia em plataformas determinando uma acessibilidade.

A covid-19 evidenciou as desigualdades sociais, econômicas, políticas e desafiou a ciência e a psiquê humana, já que fomos obrigados ao isolamento, à solidão e até ao medo da morte. O coronavírus atingiu as instituições sociais, pôs à prova corporações nacionais e internacionais, e impôs uma crise desafiadora às mídias digitais, o mais seguro elo de conexão entre os povos no Espaço e no Tempo.

Por fim, viu-se o jornalista de televisão superando desafios e correndo riscos para, mesmo em tempo de pandemia, levar informações as pessoas sobre os serviços disponíveis, orientações sobre tratamentos e como prevenir doenças.

REFERÊNCIAS

BACKES, Vanessa. **Telejornalismo: deferentes reconfigurações da notícia**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Ciências Sociais, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/14163/DI>

CAJAZEIRA, Paulo Eduardo; SOUZA, José. **Telejornalismo, trabalho e saúde na cobertura da pandemia da Covid-19**. Revista Dispositiva, PUC-Minas, 2020. Disponível em: <file:///home/everex/Downloads/23906-Texto%20do%20artigo-92609-1-10>

CROCOMO, Fernando Antonio. **O uso da edição não-linear: as novas rotinas no telejornalismo e a democratização de acesso à produção de vídeo**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Santa Catarina, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/79896/177735.pdf?sequence>

KNEIPP, Valquíria Passos. **Trajetória de formação do telejornalista**. Tese de Doutorado. Escola de Comunicações e Artes, 2008. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/td-27042009-121921/publico/157520.pdf>

FIGARO, R. et al. **Como trabalham os comunicadores na pandemia do Covid-19?** 2020. Disponível em: <http://revistatdh.org/index.php/Revista-TDH/article/view/76>. Acesso em: 03 jul. 2020

FERRAZ, Carlos. *Análise e perspectivas da interatividade na TV digital*. In: SQUIRRA, Sebastião, FECHINE, Yvana (orgs.). **Televisão digital: desafios para a comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.15-43.

PEREIRA, Livia Cirne. **Interatividade e perspectivas no telejornalismo da TV digital**. Dissertação de Mestrado. UFPB, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4498/1/arquivototal>

SANTOS, Wendel Ribeiro. **Você na TV: o papel da audiência nas rotinas produtivas do telejornalismo**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15706/1/2014_WendelRibeirodosSantos.pdf

REZENDE, Guilherme Jorge de. **60 anos de jornalismo na TV Brasileira: percalços e conquistas**. Florianópolis: Insular, 2010.

SOBRE OS ORGANIZADORES

EDWALDO COSTA - Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da UnB. Pós-doutor em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Comunicação Social pela Universidade de Marília e especialista em Informática na Educação, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Concluiu graduações em Comunicação Social/Jornalismo e Ciências da Computação. Atuou como professor na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), no Centro Universitário Toledo de Araçatuba e na União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo. Atualmente, o organizador do e-book é membro efetivo da Academia de Letras do Brasil-DF e atua como jornalista no Centro de Comunicação Social da Marinha, em Brasília.

SUÉLEN KEIKO HARA TAKAHAMA - Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Jataí (UFJ) e bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). Especialista em Educação Especial (PUC-MG). Possui graduação em Pedagogia/Licenciatura Plena. Especialização em Educação Especial Inclusiva pela PUC-MINAS e Especialização em Educação à Distância e as Novas Tecnologias. Curso de Libras pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS). Foi professora de Libras na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Instituto Federal de São Paulo e na Fundação Educacional de Penápolis (FUNPEPE). Também atuou como professora interlocutora de Libras na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e na Secretaria Municipal de Educação de Corumbá-MS. Em Araçatuba-SP trabalhou como professora de Educação Infantil e na Secretaria Municipal de Educação em Cuiabá, como professora da Sala de Recursos Multifuncionais.

ÍNDICE REMISSIVO

A

A Cidade ON 3, 72

Amazônia 2, 4, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171

Anúncios de prevenção às drogas 16

A terceira margem do rio 10, 11

Audiência 3, 62, 63, 83, 84, 85, 86, 89, 91, 92, 243, 245, 246, 249

Audiovisual 8, 73, 79, 246

B

Biotecnologia 3, 34, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 50, 53, 54, 55, 56

Biotecnologia no Brasil 3, 34

C

Caça às bruxas 172, 174, 176, 180, 181

Campanha de vacinação 130, 132, 135, 140, 143, 145, 146, 147, 148, 151

Campanha nacional de vacinação contra a poliomielite 4, 129, 131, 140, 142, 152, 155

Cancelamento 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 69, 70, 181

Celebridades canceladas 57

Ciência da informação 2, 3, 34

Ciências 1, 2, 21, 39, 43, 51, 53, 81, 82, 155, 156, 157, 162, 163, 182, 183, 208, 249, 250

Ciências da comunicação 1, 2

Cinema 10, 13, 14, 15, 16, 20, 62, 73, 74, 77, 79, 80, 133

Cobertura jornalística 57, 58, 68

Comunicação 1, 2, 3, 4, 1, 2, 3, 5, 6, 16, 19, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 38, 45, 47, 57, 58, 59, 61, 69, 70, 74, 76, 81, 82, 83, 84, 85, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 142, 144, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 172, 173, 174, 175, 176, 180, 181, 182, 201, 202, 205, 209, 210, 219, 221, 239, 241, 245, 249, 250

Comunicação digital 108, 115, 126

Comunicação estratégica 2, 3, 22, 23, 29, 30, 31, 32

Comunicação externa 3, 22, 23, 26, 27, 28, 31, 32

Comunicação pública 2, 4, 129, 130, 132, 133, 140, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157

Conceito Amazônia 4

Conceito Amazônia pela cultura letrada regional 4

Conhecimento 1, 2, 14, 15, 27, 37, 38, 41, 47, 49, 50, 55, 67, 74, 75, 77, 79, 80, 86, 92, 94, 96, 109, 115, 125, 126, 176, 198, 201, 208, 240, 241

Convergência da TV com as redes sociais 3

Covid-19 2, 4, 8, 20, 58, 62, 71, 96, 106, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 126, 127, 238, 239, 240, 246, 248, 249

D

Desinformação 4, 129, 130, 131, 132, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 180

Desinformação em saúde 4, 129, 148, 153

E

Ecosistema da desinformação 129, 130, 131, 132, 136, 137, 138, 139, 140, 148, 151, 152, 153

Editoria política 2, 5, 210, 234, 235, 236

Equilíbrio de baixo nível 2, 4, 183, 185, 186, 188, 194

Equipes de projeto 108, 111, 115, 116

Estratégias comunicacionais 4, 129, 130, 150, 153, 156

Estratégias comunicacionais do Ministério da Saúde 4, 129

F

Fabiane 2, 4, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182

Fabiane, a bruxa do Guarujá 4, 172

Fact-checking 129, 130, 132, 140, 148, 149, 150, 157

Fogueiras inquisitórias 4, 172

G

Gestão da identidade organizacional 3, 22, 23

Gestão de comunicação 2, 4, 108, 110, 111, 126, 127

Gestão de comunicação em tempos de Covid-19 4, 108

Guarujá 2, 4, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182

H

História 2, 3, 5, 1, 2, 3, 5, 6, 10, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 54, 72, 83, 84, 93, 133, 157, 158, 159, 160, 170, 171, 172, 174, 176, 181, 182, 197, 199, 200, 210, 211, 213, 214, 216, 218, 219, 220, 229, 235, 237, 238, 239, 240, 246, 248, 250

História da comunicação 2, 3, 1, 2, 3, 19

História da mídia impressa 158

I

Ignorancialismo 5, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208

Impactos da pandemia de covid-19 no setor audiovisual 8

J

Jazz 13, 14, 15, 16, 21

Jornalismo cultural 82

Jornalismo cultural em Campinas 2, 3, 10, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 158, 166, 168, 169, 172, 200, 201, 235

Jornal O Alto Uruguai 5, 210, 218, 219, 220

L

Livros 69, 158

M

Ministério da saúde 4, 8, 20, 51, 106, 129, 130, 132, 134, 135, 140, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156

Mudanças sociais 10

N

Narrativas 3, 1, 2, 59, 160, 163, 181, 211

P

Panorama bibliométrico 4, 183

Personalidades na pandemia 57

Portais de notícias 2, 3, 57, 58, 60, 68, 69

Portal de notícias 3, 63, 66, 71, 72, 73, 81

Produção do conhecimento 1, 2

Programas de saúde 3, 83, 86, 92

programas de saúde no rádio 3, 83, 86, 92

Projetos Green Belt 4

Publicações de maior fator de impacto 4, 183

R

Redes sociais 4, 3, 4, 5, 7, 27, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 80, 81, 85, 87, 93, 96, 102, 119, 122, 126, 131, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 152, 154, 172, 173, 175, 181, 200, 205

Reverberação midiática 2, 5, 197, 208

T

Telejornalismo 2, 5, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249

Temporalidades 3, 1, 2, 19

V

Vacinação 4, 117, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 157

Viajantes 8, 158, 160, 164, 213

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO





2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

